



© Osho International Foundation

OSHO

Os ensinamentos de Osho não são fáceis de categorizar. Eles abrangem desde a busca de sentido do indivíduo até aos temas sociais e políticos mais prementes dos nossos dias. Os seus livros não foram escritos, mas transcritos de registos audiovisuais de palestras improvisadas dadas por todo o mundo ao longo de trinta e cinco anos. Osho foi descrito pelo *Sunday Times* de Londres como «um dos mil construtores do século xx».

CORAGEM

A ALEGRIA DE VIVER PERIGOSAMENTE

OSHO

CORAGEM
A ALEGRIA DE VIVER PERIGOSAMENTE

Tradução de
ELVIRA VAZ



PREFÁCIO

*Não lhe chamem incerteza — chamem-lhe magia.
Não lhe chamem insegurança — chamem-lhe liberdade.*

Não estou aqui para lhe apresentar um dogma — um dogma faz com que uma pessoa tenha certezas. Não estou aqui para lhe fazer qualquer promessa quanto ao futuro — qualquer promessa quanto ao futuro faz com que uma pessoa se sinta segura. Estou simplesmente aqui para o fazer despertar e tomar consciência — isto é, para estar aqui e agora, com toda a insegurança que é a vida, com toda a incerteza que é a vida, com todo o perigo que é a vida.

Sei que veio aqui à procura de algumas certezas, de alguns credos, de alguns «ísmos», de algures onde pertencer, de alguém com quem possa contar. Veio aqui por causa do seu medo. Anda à procura de uma espécie de prisão agradável — para poder viver sem qualquer consciência.

E eu gostaria de o tornar mais inseguro, mais indeciso — porque a vida é assim e Deus é assim. Quando há mais insegurança e o perigo é maior, a única maneira de reagir é ter consciência disso mesmo.

Há duas possibilidades. Ou fecha os olhos e se torna dogmático, cristão, hindu ou muçulmano... e nesse caso fica parecido com uma avestruz. Isso não muda a vida; apenas

lhe fecha os olhos. Torna-o simplesmente estúpido, torna-o simplesmente ignorante. Sente-se seguro na sua ignorância — todos os idiotas se sentem seguros. Na realidade, só os idiotas se sentem seguros. Um homem que esteja realmente vivo sentir-se-á sempre inseguro. Que segurança pode haver?

A vida não é um processo mecânico; não pode ser uma certeza. É um mistério imprevisível. Ninguém sabe o que irá acontecer no momento que se segue. Nem mesmo Deus, que você julga residir algures no sétimo céu, nem mesmo Ele — se é que reside lá —, nem mesmo Ele sabe o que vai acontecer!... Porque no caso de saber o que vai acontecer, a vida não seria mais do que uma imitação, já estaria tudo escrito, já estaria tudo destinado. Como pode Ele saber o que vai acontecer a seguir, se o futuro está sempre em aberto? Se Deus sabe o que vai acontecer no momento seguinte, então a vida não passa de um processo mecânico e parado. Nesse caso não há liberdade, e como poderia existir vida sem a liberdade? É que, então, não haveria a possibilidade de crescer ou de não crescer. Se tudo está predestinado, então não há glória, não há grandeza. E você não passa de um robô.

Não, nada é seguro. É esta a minha mensagem. Nada pode ser seguro, porque uma vida segura seria pior do que a morte. Nada é certo. A vida está cheia de incertezas, cheia de surpresas — é essa a sua beleza! Nunca chegará o momento em que possa dizer: «Agora tenho a certeza.» Quando disser que tem a certeza, estará simplesmente a declarar a sua morte; já se suicidou.

A vida continua a mover-se com mil e uma incertezas. É essa a sua liberdade. Não lhe chame insegurança.

Eu até compreendo porque é que a mente chama «insegurança» à liberdade... Já viveu numa prisão durante alguns meses ou alguns anos? Se viveu numa prisão durante alguns anos sabe que, quando chega o dia da libertação, o prisioneiro começa a sentir incertezas quanto ao futuro. Na prisão tudo eram certezas; tudo era rotina morta. Era-lhe fornecida a comida, era-lhe dada proteção; não tinha medo de, no dia seguinte, passar fome e de não haver comida — nada disso, tudo eram certezas. Agora, de repente, após tantos anos, vem o carcereiro e diz-lhe: «Vais ser libertado agora.» Ele começa a tremer. Fora dos muros da prisão vai haver novamente incertezas; vai ter novamente de procurar, de buscar; vai ter de viver novamente em liberdade.

A liberdade gera o medo. As pessoas falam da liberdade, mas têm medo. E um homem ainda não é um homem se tiver medo da liberdade. Eu dou-lhe a liberdade; não lhe dou a segurança. Eu dou-lhe a compreensão; não lhe dou o conhecimento. O conhecimento dar-lhe-á certezas. Se eu lhe der uma fórmula, uma fórmula estabelecida, dizendo que há um Deus e um Espírito Santo e que há um único filho gerado, Jesus; que há inferno e céu, e que estes são os atos bons e aqueles são os atos maus; peca e vai para o inferno, faça aquilo a que eu chamo atos virtuosos e irá para o céu — e acabou-se! —, então terá certezas. Foi por isso que tantas pessoas optaram por ser cristãos, hindus, muçulmanas ou jainistas — essas pessoas não queriam a liberdade, queriam fórmulas fixas.

Um homem estava prestes a morrer — subitamente, num acidente de viação. Ninguém sabia que ele era judeu, portanto chamaram um padre, um padre católico. Este debruçou-se sobre o homem — que estava a morrer, no estertor da

morte — e perguntou-lhe: «Acreditas na Trindade de Deus Pai, do Espírito Santo e do filho Jesus?»

O homem abriu os olhos e disse: «Vejam só, estou eu para aqui a morrer — e ele a falar por enigmas!»

Quando a morte lhe bater à porta, todas as suas certezas serão simplesmente enigmas e serão ridículas. Não se agarre a quaisquer certezas. A vida é incerta — a sua própria natureza é incerta. E um homem inteligente fica sempre na incerteza.

Ao ato de permanecer na incerteza chama-se coragem. A esta vontade de permanecer na incerteza chama-se confiança. Uma pessoa inteligente é aquela que está sempre atenta, seja qual for a situação — e reage a essa situação com todo o seu coração. Não que ela saiba o que vai acontecer, não que ela saiba: «Faz *isto* e acontecerá *aquilo*.» A vida não é uma ciência; não é um encadear de causas e efeitos.

Quando aquece a água a 100° C, ela evapora-se — isso é uma certeza. Mas na vida de cada um, nada é assim tão certo.

Cada indivíduo é uma liberdade, uma liberdade desconhecida. É impossível predizer, é impossível ter expectativas. Uma pessoa tem de viver num estado consciente e de compreensão.

Você veio até mim à procura do conhecimento; quer fórmulas estabelecidas para poder agarrar-se a elas. E eu não lhe dou nenhuma. Na realidade, se possuir alguma, eu tiro-lha! Aos poucos, destruo as suas certezas; aos poucos, torno-o cada vez mais hesitante; aos poucos, torno-o cada vez mais inseguro. Essa é a única coisa que tem de ser feita. Essa é a única coisa que um Mestre deve fazer! — deixá-lo

em liberdade total. Em liberdade total, com todas as possibilidades a abrirem-se, nada fixo... será obrigado a manter-se atento — nada mais é possível.

É a isto que eu chamo compreensão. Se compreender, a insegurança faz parte intrínseca da vida — e é bom que assim seja, porque isso faz da vida uma liberdade, faz da vida uma surpresa permanente. Nunca se sabe o que vai acontecer. E isso mantém-no constantemente maravilhado. Não lhe chame incerteza — chame-lhe magia. Não lhe chame insegurança — chame-lhe liberdade.

*Não pode ser verdadeiro se não for corajoso
Não pode ser afetuoso se não for corajoso
Não pode ser confiante se não for corajoso
Não pode interrogar a realidade se não for corajoso
Daí que a coragem venha primeiro
e tudo o mais se lhe siga*

O QUE É A CORAGEM?

Ao princípio, não existe grande diferença entre o covarde e a pessoa corajosa. A única diferença é que o covarde escuta os seus medos e segue-os, e a pessoa corajosa afasta-os e segue em frente. A pessoa corajosa entra no desconhecido, apesar de todos os medos.

Coragem significa entrar no desconhecido, apesar de todos os medos. Coragem não significa temeridade. A temeridade acontece se você continuar a ser cada vez mais corajoso. Essa é a experiência última da coragem — a temeridade: é essa a fragrância quando a coragem se tornou absoluta. Mas, ao princípio, não há grande diferença entre o covarde e a pessoa corajosa. A única diferença é que o covarde escuta os seus medos e segue-os, e a pessoa corajosa afasta-os e segue em frente. A pessoa corajosa entra no desconhecido, apesar de todos os medos. Ela conhece os medos, os medos estão lá.

Se se meter por mares inexplorados, como fez Colombo, sentirá medo, um medo imenso, porque nunca se sabe o que vai acontecer. Estará a deixar a praia da segurança. Você estava, de certo modo, perfeitamente bem; faltava-lhe uma única coisa — a aventura. Entrar no desconhecido fá-lo vibrar. O coração começa novamente a pulsar; você está

novamente vivo, plenamente vivo. Cada fibra do seu ser está viva porque aceitou o desafio do desconhecido.

Aceitar o desafio do desconhecido, apesar de todos os medos, chama-se coragem. Os medos estão lá, mas se você continuar a aceitar cada vez mais os desafios, lentamente esses medos começarão a desaparecer. A experiência da alegria que o desconhecido provoca, o grande êxtase que começa a acontecer com o desconhecido, torna-o suficientemente forte, dá-lhe uma certa integridade, aguça a sua inteligência. Pela primeira vez, começará a sentir que a vida não é apenas um enfado, é também uma aventura. E, lentamente, os seus medos irão desaparecendo; e depois você continuará sempre a procurar, a buscar, alguma aventura.

Mas, basicamente, a coragem é arriscar o conhecido pelo desconhecido, o familiar pelo não familiar, o confortável pelo desconfortável, é uma peregrinação trabalhosa para algum destino desconhecido. A pessoa nunca sabe se é ou não capaz de lá chegar. É um jogo, mas só os jogadores sabem o que é a vida.

O TAO DA CORAGEM

A vida não dá ouvidos à sua lógica; imperturbável, ela segue o seu caminho. É você que tem de dar ouvidos à vida; a vida não dará ouvidos à sua lógica, ela não se preocupa nada com a sua lógica.

Quando se movimenta na vida, o que vê? Vem uma grande tempestade e caem árvores grandes. E elas deveriam sobreviver, segundo Charles Darwin, porque são as mais capazes, as mais fortes, as mais poderosas. Olha para uma

árvore velha, com trezentos pés de altura, velha devido aos seus três mil anos. A presença da árvore, por si só, cria força, dá uma sensação de força e de poder. Milhões de raízes espalharam-se pela terra dentro, e a árvore ergue-se, poderosa. É evidente que a árvore luta — ela não quer ceder, não quer capitular —, mas, depois da tempestade, ela está caída, está morta, deixou de estar viva e toda aquela sua força desapareceu.

A tempestade foi de mais — a tempestade é sempre de mais, porque a tempestade vem do todo e uma árvore não passa de um indivíduo.

Depois há as plantas pequenas e a erva comum — quando vem a tempestade a erva cede e a tempestade não consegue infligir-lhe qualquer dano. Quando muito, dar-lhe-á uma boa limpeza e é tudo; toda a sujidade que se acumulara nela é lavada. A tempestade dá-lhe um bom banho e, quando a tempestade passa, as plantas pequenas e as ervas dançam de novo, altaneiras. A erva quase não tem raízes, pode ser arrancada por uma criança pequena, mas a tempestade foi vencida. O que terá acontecido?

A erva seguiu a via do Tao, a via de Lao-Tsé, e a árvore grande seguiu Charles Darwin. A árvore grande foi muito lógica: tentou resistir, tentou mostrar a sua força. Se você tentar mostrar a sua força, será vencido. Todos os Hitlers, todos os Napoleões, todos os Alexandres são árvores grandes, árvores fortes. Todos eles serão vencidos. Os Lao-Tsés são exatamente como as plantas pequenas: ninguém os pode vencer, porque eles estão sempre prontos a ceder. Como é que se pode vencer uma pessoa que cede, que diz «Estou pronta a ser vencida», que diz «Senhor, podeis deleitar-vos com a vossa vitória, não há necessidade de criar

qualquer conflito. Dou-me por vencida». Diante de um Lao-Tsé, até um Alexandre se sentirá insignificante, não poderá fazer nada. Isso aconteceu; aconteceu exatamente assim...

No tempo de Alexandre, quando ele se encontrava na Índia, existiu um místico *sannyasin* de nome Dandamis. Quando Alexandre estava de partida para a Índia, amigos seus disseram-lhe que, quando voltasse, deveria trazer consigo um *sannyasin*, porque essa flor rara só florescia na Índia. Disseram-lhe eles: «Gostaríamos de ver o fenómeno de *sannyas*, o que é, o que é exatamente um *sannyasin*.»

Alexandre empenhou-se tanto em guerras, em lutas e em combates que quase se esqueceu do assunto, mas, quando estava prestes a regressar, exatamente nas fronteiras da Índia, lembrou-se subitamente. Estava a deixar a última aldeia, pelo que pediu aos seus soldados que lá fossem e perguntassem se havia algum *sannyasin* ali por perto. Por acaso, Dandamis estava na aldeia, perto do rio, e as pessoas responderam: «Vocês chegaram na altura certa. Há muitos *sannyasins*, mas um *sannyasin verdadeiro* é sempre raro, e ele está agora aqui. Vocês podem ter *darshan*, podem ir visitá-lo.»

Alexandre riu-se. Disse:

«Não estou aqui para ter *darshan*, os meus soldados vão buscá-lo. Vou levá-lo comigo para a capital do meu país.»

Os aldeões responderam: «Não vai ser assim tão fácil...» Alexandre não podia acreditar naquilo — que dificuldade poderia haver? Ele tinha conquistado imperadores, grandes reis, por isso com um pedinte, um *sannyasin*, que dificuldade poderia haver? Os seus soldados foram ver aquele Dandamis, que estava todo nu na margem do rio.

Disseram-lhe: «Alexandre, o Grande, convida-te a acompanhá-lo até ao seu país. Terás ao teu dispor todo o conforto, tudo o que precisares. Serás um convidado real.»

O faquir, nu, riu-se e respondeu: «Vão dizer ao vosso amo que um homem que se chama a si próprio grande não pode ser assim tão grande. E ninguém me pode levar a lado nenhum — um *sannyasin* move-se como uma nuvem, em liberdade total. Não sou escravo de ninguém.»

Os soldados disseram-lhe: «Deves ter ouvido falar de Alexandre, é um homem perigoso. Se lhe disseres não, ele não te ouvirá, cortar-te-á simplesmente a cabeça!»

Alexandre teve de lá ir pessoalmente, porque os seus soldados lhe disseram: «Ele é um homem raro, luminoso, há algo de desconhecido à sua volta. Anda nu, mas, na sua presença, não se dá por que ele esteja nu — só nos damos conta mais tarde. Ele é tão poderoso, que na sua presença esquecemo-nos simplesmente do mundo inteiro. O homem tem magnetismo, rodeia-o um grande silêncio e dá a sensação de que toda a área se deleita nele. Vale a pena vê-lo, mas parece que vai haver dificuldades para ele, pobre homem, porque diz que ninguém o pode levar a lado nenhum, que não é escravo de ninguém.»

Alexandre foi vê-lo com uma espada desembainhada na mão. Dandamis riu-se e disse: «Baixa a espada, ela é inútil aqui. Embainha-a; ela é inútil aqui porque tu poderás cortar apenas o meu corpo, e esse já eu deixei há muito tempo. A tua espada não *me* pode cortar, por isso baixa-a; não sejas infantil.»

E diz-se que foi essa a primeira vez que Alexandre obedeceu às ordens de alguém; bastou a presença do homem e Alexandre esqueceu-se de quem era. Embainhou a

espada e exclamou: «Nunca encontrei um homem tão belo.» E quando voltou ao acampamento, disse: «É difícil matar um homem que está pronto a morrer, não faz sentido matá-lo. Pode matar-se uma pessoa que luta, então faz algum sentido matar; mas não se pode matar um homem que está pronto e que te diz: “Esta é a minha cabeça, podes cortá-la.”»

E Dandamis disse realmente: «Esta é a minha cabeça, podes cortá-la. Quando a minha cabeça cair, vê-la-ás cair na areia e eu também a verei cair na areia, porque eu não sou o meu corpo. Eu sou uma testemunha.»

Alexandre foi obrigado a contar aos seus amigos: «Havia lá *sannyasins* que eu poderia ter trazido, só que esses não eram *sannyasins*. Depois encontrei um homem que era realmente uma coisa rara — e vocês ouviram bem, esta flor é rara, mas ninguém o pode forçar porque ele não tem medo da morte. Quando uma pessoa não tem medo da morte, como é que se pode forçá-la a fazer seja o que for?»

É o seu medo que faz de si escravo — é o seu medo. Quando deixar de ter medo, deixará de ser escravo; na realidade, é o seu medo que o obriga a tornar os outros seus escravos antes que eles o façam escravo a si.

Um homem que é destemido não tem medo de ninguém nem faz medo a ninguém. O medo desaparece completamente.

A VIA DO CORAÇÃO

A palavra *coragem* é muito interessante. Deriva da raiz latina *cor*, que significa «coração». Por isso, ser corajoso significa «viver com o coração». E os fracos, só os fracos, vivem com a cabeça; medrosos, criam uma segurança de lógica à sua volta. Temerosos, fecham todas as janelas e todas as portas — com teologias, conceitos, palavras, teorias — e escondem-se por detrás dessas portas e janelas fechadas.

A via do coração é a via da coragem. É viver em insegurança; é viver em amor e confiança; é movimentar-se no desconhecido. É deixar o passado e permitir que o futuro seja. Coragem é movimentar-se por caminhos perigosos. A vida é perigosa, e só os cobardes evitam o perigo — mas é porque eles já estão mortos. Uma pessoa que está viva, viva de verdade, viva com vitalidade, estará sempre a mover-se no desconhecido. Existe aí um perigo, mas essa pessoa correrá o risco. O coração está sempre pronto a correr riscos, o coração é um jogador. A cabeça é um negociante. A cabeça está sempre a calcular — é astuta. O coração não é calculista.

Esta palavra *coragem* é bela, é muito interessante. Viver através do coração é descobrir um significado. Um poeta vive através do coração e, a pouco e pouco, no seu coração ele começa a escutar os sons do desconhecido. A cabeça não consegue escutar; ela está muito longe do desconhecido. A cabeça está cheia do conhecido.

O que é o seu pensamento? É tudo o que você conheceu. É o passado, aquilo que está morto, aquilo que já foi. O pensamento nada mais é do que passado acumulado,

a memória. O coração é o futuro; o coração é sempre a esperança, o coração está sempre algures no futuro. A cabeça pensa no passado; o coração sonha com o futuro.

O futuro ainda está para vir. O futuro ainda tem uma possibilidade — ele vai chegar, ele já está a chegar. Em cada momento que passa, o futuro torna-se presente e o presente torna-se passado. O passado não tem possibilidade, já foi usado. Já se afastou dele — está esgotado, é uma coisa morta, é como um túmulo. O futuro é como uma semente; está a chegar, sempre a chegar, sempre a alcançar e a encontrar-se com o presente. Você está sempre em movimento. O presente não passa de um movimento para o futuro. É o passo que você já deu; e ele vai a entrar no futuro.

TODAS AS PESSOAS DO MUNDO QUEREM SER VERDADEIRAS porque ser verdadeiro proporciona muita alegria e abundância de graças — por que motivo seria você falso? Tem de ter a coragem para fazer um exame um pouco mais profundo: porque é que tem medo? O que é que o mundo lhe pode fazer? A pessoas riem-se de si, melhor para elas — o riso é sempre um remédio, é saudável. As pessoas poderão pensar que você é doido... mas lá porque elas pensam que você é doido, você não fica doido.

E se for autêntico na sua alegria, nas suas lágrimas, na sua dança, mais cedo ou mais tarde haverá quem comece a compreendê-lo, quem comece a juntar-se à sua caravana. Eu próprio comecei sozinho na senda, e depois as pessoas continuaram a vir e a minha caravana tornou-se mundial! E eu não convidei ninguém; fiz unicamente tudo aquilo que sentia vir-me do coração.

A minha responsabilidade é para com o meu coração, não para com mais ninguém neste mundo. Por isso, a sua responsabilidade é unicamente para com o seu próprio ser. Não vá contra ele, porque ir contra ele é suicidar-se, é destruir-se. E o que ganharia com isso? Mesmo que as pessoas o respeitem e pensem que é muito sóbrio, muito respeitável, essas coisas não vão nutrir o seu ser. Não lhe darão uma maior compreensão da vida nem da sua espantosa beleza.

Quantos milhões de pessoas viveram neste mundo antes de si? E você nem sequer conhece os seus nomes; se elas viveram ou não, não faz qualquer diferença. Houve santos e houve pecadores, e houve pessoas muito respeitáveis, e houve toda a espécie de excêntricos, de loucos, mas todos eles desapareceram — nem sequer deixaram rasto na Terra.

A sua única preocupação deveria ser proteger e cuidar daquelas qualidades que poderá levar consigo quando a morte destruir o seu corpo e a sua mente, porque serão essas qualidades os seus únicos companheiros. São os únicos valores reais, e só as pessoas que as alcançam, só elas estão vivas; as outras apenas fingem viver.

Numa noite escura, o KGB bate à porta de Yussel Finkelstein. Yussel vai abrir a porta. O homem do KGB berra: «É aqui que vive Yussel Finkelstein?»

«Não», responde Yussel, ficando ali de pé no seu pijama coçado.

«Não? E então como te chamas tu?»

«Yussel Finkelstein.»

O homem do KGB atirou-o ao chão com um murro e gritou: «Não acabaste de dizer que não vivias aqui?»

Yussel respondeu: «Chamas a isto viver?»

Viver por viver nem sempre é viver. Olhe para a sua vida. Pode dizer que ela é uma bênção? Pode dizer que ela é uma dádiva, um presente da existência? Gostaria que esta vida lhe fosse dada novamente, vezes sem conta?

NÃO DÊ OUVIDOS ÀS ESCRITURAS — escute o seu próprio coração. É a única escritura que lhe receita: escute-o muito atentamente, muito conscientemente, e nunca errará. E, ao escutar o seu próprio coração, nunca ficará dividido. Ao escutar o seu próprio coração, começará a movimentar-se na direção certa, sem nunca pensar sequer no que é certo e no que é errado.

Toda a habilidade da nova humanidade residirá no segredo de saber escutar o coração de maneira consciente, alerta e atentamente. E segui-lo até onde ele o conduzir. Sim, por vezes ele levá-lo-á ao perigo — mas lembre-se de que os perigos são necessários para amadurecer. Por vezes, ele conduzi-lo-á por maus caminhos — mas lembre-se, uma vez mais, de que esse ir por maus caminhos faz parte do crescimento. Muitas vezes cairá — mas levante-se de novo, porque é assim que se ganha força, caindo e voltando a levantar-se. É dessa maneira que se fica integrado.

Contudo, não siga regras impostas do exterior. Nenhuma regra imposta poderá alguma vez ser correta — porque as regras são inventadas por gente que o quer governar! É verdade que, por vezes, também houve no mundo pessoas iluminadas — um Buda, um Jesus, um Krishna, um Maomé. Mas esses não deram regras ao mundo — deram-lhe o seu amor. No entanto, mais cedo ou mais tarde, os discípulos reúnem-se e começam a preparar códigos de conduta. Mal desaparece o Mestre, mal desaparece a luz, e

já eles mergulham nas trevas profundas, procurando, às apalpadelas, certas regras a serem seguidas, porque a luz que lhes permitiria ver deixou de estar presente. Agora eles são obrigados a depender de regras.

Aquilo que Jesus fez foi o murmurar do seu próprio coração e o que os cristãos continuam a fazer não é o murmurar dos seus próprios corações. São imitadores — e no momento em que você imita está a insultar a sua própria humanidade, a insultar o seu Deus.

Nunca seja um imitador, seja sempre original. Não se transforme em cópias a papel químico. É isso o que está a acontecer em todo o mundo — cópias a papel químico sobre cópias a papel químico.

Se você for um original, a vida será realmente uma dança — e você é suposto ser um original. Veja só como Krishna é diferente de Buda. Se Krishna tivesse seguido o Buda, teríamos perdido um dos homens mais belos deste mundo. Ou se o Buda tivesse seguido Krishna, ele não teria passado de um fraco exemplar. Pense só no Buda a tocar flauta! — ele teria perturbado o sono de muita gente, pois não era tocador de flauta. Pense só no Buda a dançar; seria simplesmente ridículo, simplesmente absurdo.

E o mesmo acontece com Krishna. Sentado debaixo de uma árvore, sem uma flauta, sem uma coroa de penas de pavão, sem as suas belas roupagens — simplesmente sentado, como um pedinte, debaixo de uma árvore, de olhos fechados, sem ninguém a dançar à sua volta, nada de danças, nada de canções — e Krishna teria parecido muito pobre, muito enfraquecido. Um Buda é um Buda, um Krishna é um Krishna e você é você. E não é, em nada, inferior a ninguém. Respeite-se a si próprio, respeite a sua própria voz interior e siga-a.